

TRIENTE DE GERONA

(NUMISMÁTICA)

POR AGOSTINHO FERREIRA GAMBETTA

Apresenta a «Nvmmvs» de Julho de 1960, a páginas 75 a 80, mais um valioso trabalho do Dr. Batalha Reis. Assim vai progredindo a numária visigoda e a já longa e sábia bibliografia do autor.

Julgo encontrar no trabalho um erro de apreciação; diz ele:

- a) Fracos recursos monetários de então (falta de um G, à mão do gravador).
- b) Quis ser e é um G (primeira letra da legenda).
- c) Vamos tentar demonstrá-lo.
- d) S, como G, e como o E curvo (nome da localidade).
- e) Único punção.
- f) Forma de meia lua (quarto de círculo).
- g) Horizontalmente.
- h) Curva para a direita, ora para a esquerda.
- i) E uncial em que esse punção curvo se repete.
- j) (Não tendo) um punção especial para o G.
- l) Colocassem duplamente o punção.
- m) Um tosco G.
- n) A primeira e última letras (S e \mathfrak{G}).
- o) Expressamente depois (nota 1).

Analisando em pormenor:

- a) Certamente que havia fracos recursos mas não havia falta das letras G e \mathfrak{G} pois ambas aparecem na moeda, simples ou compostas.
- b) Não sabemos qual a intenção do gravador mas apenas o resul-

tado. Se a letra é um S ou um \mathcal{G} não o podemos garantir. Parece-me um \mathcal{G} do tipo que uso na rubrica:

A. F. Gambetta

Não se pode porém garantir que pelo menos alguns não pronunciassem:

SERUNDA

ou

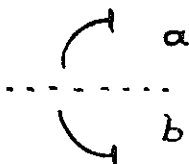
SERUNTA

c) Parece-me que não foi feita a demonstração, mas apenas posta e explicada a hipótese que uns julgarão boa e outros, como eu, má.

d) Não foi apresentada qualquer razão para confundir os elementos do \mathcal{G} e do \mathcal{E} . Eles são inconfundíveis como demonstrarei.

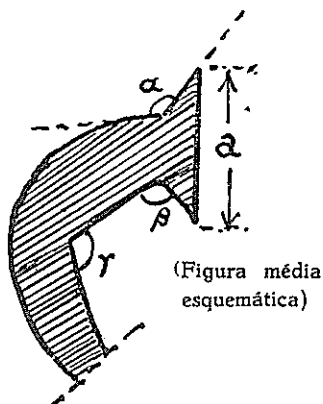
e) É impossível usar um único punção para fazer as seis metades de aquelas três letras (S, \mathcal{G} e \mathcal{E}).

Pode rodar-se um punção em torno do eixo do ferro, mas não se pode invertê-lo de forma a gravar uma figura e outra como a imagem da primeira; como quer o autor. Vejamos para o \mathcal{E} :



Não é possível fazer as figuras a e b com um único punção. Com o S já isso seria possível mas não se verifica na moeda apresentada.

Comparemos a primeira e a última letras, ou melhor os quatro elementos da forma C de aquelas duas letras (na estampa).



Pela ordem: cabeça do S, pé do mesmo, cabeça do G, pé do mesmo, as medidas são:

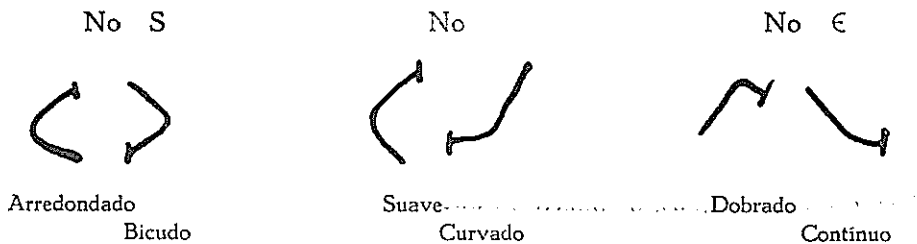
$$\begin{aligned} a &= 5,0 - 7,1 - 7,3 - 6,6 \text{ mm} \\ \alpha &= 145 - 160 - 176 - 154 \text{ grados} \\ \beta &= 92 - 102 - 121 - 96 \quad \gg \\ \gamma &= 88 - 70 - 117 - 164 \quad \gg \end{aligned}$$

Diferenças de 1,6 a 2,3 milímetros, 9 a 31 grados, 4 a 29 grados e 18 a 94 grados, embora na ampliação, não podem ser explicadas com o uso de um único ferro.

e) Ante tais divergências de medidas, sobre elementos análogos, não pode admitir-se a hipótese de um único punção. Seriam quatro punções «diferentes» e portanto melhor será pensar em *dois* únicos: um S e um G.

Comparando as duas metades do E, ainda a impossibilidade é maior e mesmo a superior, nunca podia ter sido feita com metade do punção do S porque as medidas lineares, os ângulos, os desenvolvimentos das curvas e as espessuras, são muito diferentes.

f) Uma meia-lua teria meia circunferência de desenvolvimento, porém os elementos do S, do G e do E não são em forma de meia-lua mas alguns até angulosos e todos diferentes:



Nos dois últimos as curvaturas são ainda de sinais contrários.

Comparando metade de qualquer das letras S e G a uma curva circular, o desenvolvimento é quase sempre muito maior que o de um quarto de circunferência e em alguns casos até, maior que o de meia circunferência; só no caso das metades do E se tratará de quartos.

g) Um elemento duma estampa só será horizontal se for plano e estiver de nível; na moeda, projectada no «plano do papel», se este estiver na mesa, tudo é horizontal.

Não quererá o autor dizer *normalmente* (segundo uma normal), em lugar de horizontalmente (segundo uma perpendicular à vertical)?

h) As curvas não estão para a direita, nem para a esquerda. Elas serão retrógradas ou directas em relação a um observador, depois de definida a origem; numa curva há sempre os dois sentidos. Bastava orientar uma de certo modo e rodar o punção de cerca de 200 grados, tornando a gravar, feita a translação conveniente.

i) Parece-me o € bem diferente do «uncial» que o autor e outros apresentam habitualmente. Ponhamos porém isso de parte; já mostrámos que o mesmo punção não pode fazer as duas metades do € porque elas são simétricas aproximadamente e além disso, os dois desenhos são diferentes, o que dava outra impossibilidade, se a primeira não bastasse.

j) Não havendo um punção especial para o G ou um grupo de punções para o compor, não aparecia o G de:

ERVIGIUS.

l) Sendo diferentes os comprimentos, os ângulos e até as espessuras, não houve *colocação dupla de punção*.

m) Não me parece tosco este ℑ mas até elegante; porém, gostos não se discutem.

n) As medidas apresentadas acima foram feitas com todo o cuidado e repetição, descontadas as sombras produzidas, entrando com as próprias, tomando valores médios dos resultados e os erros prováveis das médias foram de:

$$\begin{aligned} &\pm 0,1 \text{ mm} \\ &\pm 2 \text{ grados.} \end{aligned}$$

o) As duas faces da moeda foram feitas simultaneamente e não uma primeiro e outra depois, os punções estavam todos feitos quando se acabaram os cunhos.

O punção que *serviu* para o G de uma face poderia ter sido utilizado para a outra, sem ter que recorrer ao S.

Julgo antes que houve a preocupação de variar, o que era normal na antiguidade, na Idade Média, nos tempos modernos e até hoje.

Ali, vejamos:

Primeira face	Segunda
S	S
G	ℑ
E	€

Etc.

Finalmente, não é apresentada qualquer razão para supor que as letras foram compostas aos bocados. As junções e os esbatidos, dos elementos de cada letra, nada provam quanto a essa tese. A regularidade da gravura também não facilita a demonstração, antes leva a duvidar da ideia.

Repare-se que não a desminto, ponho a dúvida, não obstante o tom categórico de algumas das minhas afirmações.

Efectivamente, posso ser iludido pelas aparências da estampa, incluída no trabalho, entre as páginas 78 e 79; no entanto, é o autor que nos manda confrontar o que diz, com ela e já agora, pergunto: como se explica o sinal parasita do pé do S, ausente na cabeça e ausente no G; como se explica o outro sinal parasita do C, diferente e diferentemente localizado, em relação ao primeiro?

★
★ ★

Quanto eu disse, nada prejudica o trabalho do Dr. Batalha Reis, antes pelo contrário, dei-lhe atenção e chamo a atenção de todos para um facto que julgo mal apreciado. Um de nós dois não tem razão e se acaso ambos a temos, falta conciliar as divergências; talvez a moeda ajude.

Lisboa, 1960-Agosto-28.

